

Galvêas admite: será preciso mais um empréstimo-jumbo.

Para fechar o balanço de pagamentos deste ano, o Brasil precisará de mais US\$ 3,5 bilhões. Foi o que revelou ontem em Brasília o ministro Ernane Galvêas, da Fazenda. Ele ressaltou que esse número é ainda provisório e que a necessidade real de novos recursos será analisada em reunião dos ministros da área econômica com banqueiros, em Nova York, em data a ser marcada.

Com o jumbo de US\$ 3,5 bilhões, o Brasil fechará seu balanço de pagamentos com um déficit em transações correntes de US\$ 8 bilhões, pelos cálculos oficiais, se conseguir efetivamente o saldo comercial de US\$ 6 bilhões. O professor Luciano Coutinho, da Unicamp, porém, duvida desse déficit e acredita que ele ficará no mínimo em US\$ 9,5 bilhões, porque o pagamento de juros atingirá pelo menos US\$ 12,5 bilhões enquanto o governo acha que só atingirá US\$ 10,6 bilhões.

Galvêas admitiu pela primeira vez, depois de insistentes indagações da imprensa nas últimas semanas, que serão necessários mais

US\$ 3,5 bilhões se for considerado que a revisão do balanço de pagamentos indicou que não haverá entrada de investimentos no total de US\$ 1,5 bilhão — talvez só de US\$ 800 milhões. Houve menos financiamento do que o previsto, e o pagamento de juros e de leasing foi maior do que o programado nas projeções do Conselho Monetário Nacional no começo do ano.

Tudo isso mais a perda de recursos de curto prazo do Projeto 4 — restauração do interbancário ao nível de US\$ 7,5 bilhões — e mais a recomposição de reservas levam a um total de necessidade de novos empréstimos no montante de US\$ 3,5 bilhões. Esse número, insistiu Galvêas, ainda é provisório.

Segundo ele, o Subcomitê de Economistas do Grupo de Assessoramento dos Bancos, que está retornando a Nova York, agora vai fazer um relatório aos credores do Brasil e depois haverá uma reunião para discutir definitivamente o fechamento do balanço de pagamentos deste ano, juntamente com a discussão da necessidade de recursos previstos para 1984.

Conforme fonte da área financeira do governo, o novo plano é realmente o que já foi anunciado sexta-feira passada por este jornal ou seja, liberação de dois jumbos ainda este ano, um imediato para sanar problemas de caixa e outro para fechar o balanço. E para 1984 e 85, refinanciamento automático do principal e da metade dos juros.

Para o professor Luciano Coutinho, porém, o programa dos banqueiros é ruim para o Brasil porque não assegura condições ao País de recuperar suas reservas cambiais, além de agravar o quadro de recessão por mais três anos. Ele considera que o novo plano de renegociação deve ser bastante discutido por todos os segmentos da sociedade para, então, o governo ter a legitimidade para negociar.

Coutinho entende também que o Brasil poderia propor que a outra metade do pagamento dos juros fosse refinanciada pelos governos e organismos multilaterais, que vêm diminuindo seus empréstimos ao País, como efetivamente comprovam os informes mensais do Banco Central.